

Nunca mais seremos os mesmos



MARIA MANUEL MOTA - MMOTA@MEDICINA.ULISBOA.PT

Cada um de nós é, e continuará a ser, o resultado combinado do indivíduo que nasce, com a cultura, a educação e as experiências que vive ao longo da vida. Nesse contexto, apesar de frequentemente discutirmos se as nossas características são mais inatas ou mais adquiridas, a ciência tem mostrado que nem os genes nem a cultura determinam por si só o nosso destino.

Deixo aqui um pensamento — depois da experiência individual e coletiva que vivemos nos últimos dois anos, jamais poderemos ser os mesmos e voltar à nossa vida tal como ela era antes desta pandemia.

É crítico aprendermos com esta experiência e seguirmos caminho — mas um caminho naturalmente diferente.

Mas que lições retirar deste período recente? Uma lição óbvia é a importância fulcral da ciência e do conhecimento para as nossas vidas. O exemplo mais visível para todos, mas longe de ser único, foi o desenvolvimento de vacinas para a covid-19. Estas apenas puderam ser desenvolvidas tão rapidamente porque esse desenvolvimento assentou em décadas de investimento em ciência dita fundamental, seja na tecnologia de RNA ou no uso de adenovírus, ajustadas e redirecionadas para as vacinas da covid-19. E esta é sem dúvida uma grande lição — o investimento na ciência da descoberta é absolutamente crítico. Não é possível construir

essa ciência quando achamos que precisamos dela. E, se o exemplo das vacinas está à vista de todos, a lição tem de ir para lá do óbvio, de forma a estarmos mais bem preparados para as grandes ameaças que vamos enfrentar. Em tempos de crise, construímos sobre o que já temos. Seja a ciência fundamental, a nossa capacidade de gerir saúde pública, a liderança dos sistemas de saúde, a confiança, a comunicação ou os processos políticos de decisão.

A capacidade de responder a uma crise é determinada pelo investimento que se fez em pessoas, em instituições fortes e em infraestruturas ao longo de décadas antes de a crise acontecer.

Mas se temos de estar preparados para o futuro, não podemos continuar a varrer para debaixo do tapete os problemas que fingimos não existir. E há muitos, mesmo se nos focarmos apenas na área da saúde humana, incluindo a malária, a tuberculose, a sida e a resistência a antibióticos, entre outros exemplos. Claro que alguns são mais difíceis de resolver do que outros.

Por exemplo, enquanto o *Plasmodium falciparum*, o parasita mais mortal da malária, contém mais de 5 mil genes, escapando com habilidade do sistema imunitário humano, o vírus SARS-CoV-2 tem apenas 13-15 genes. A complexidade do primeiro explica em parte a dificuldade em arranjar uma vacina eficaz contra a malária. Mas conhecemos o parasita que causa a malária há mais de 120 anos e a doença continua a matar em África uma criança a cada minuto. Isto tem de ser assumido por todos nós como inaceitável.

Há ciência a acontecer aqui — como é o exemplo de uma vacina da Universidade de Oxford que, quando testada em cerca de 400 crianças em África, mostrou uma eficácia de 77%. Tal como outras abordagens inovadoras, como a do meu colega Miguel Prudêncio, que está a desenvolver uma vacina contra a malária que mascara um parasita inofensivo para os humanos, de forma a torná-lo capaz de ensinar o sistema imunitário a combater o parasita humano. Intervenções deste nível deveriam ter a mesma autorização de emergência da OMS que as vacinas para a covid-19. Infelizmente, isso está longe de ser verdade. Mas o poder está em nós — o de exigir que a mesma ação e eficácia que colocamos contra a covid-19 seja agora dirigida aos diferentes problemas no mundo. Acredito que, depois da nossa vivência com esta pandemia, nunca mais seremos os mesmos... Mas ainda bem!